



SAÚDE MENTAL DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE DIVERSIDADE EM INTERLOCUÇÃO COM A PRÁTICA DA PSICOLOGIA: UMA QUESTÃO DE SAÚDE PÚBLICA

DÉBORA CHIARARIA DE OLIVEIRA

RESUMO

Estudos encontrados na literatura revelam que o índice de adoecimento psíquico e de suicídio entre as pessoas em situação de diversidade é maior em relação à saúde mental das pessoas que não se declararam nesta situação. Nesse sentido, torna-se urgente o avanço e debates sobre a temática, especialmente quanto a qualificação dos profissionais da psicologia para o atendimento deste público. Nesta perspectiva, o objetivo deste trabalho foi investigar como se dá a interlocução da atuação da psicologia em relação à saúde mental das pessoas em situação de diversidade. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica de literatura a partir de uma busca nas seguintes bases de dados: SciELO, PePsic e Bireme, cruzando as palavras-chave: diversidade AND psicologia AND saúde mental, nos idiomas português, inglês e espanhol, nos últimos cinco anos. Foram encontrados 222 no total, porém, apenas seis foram incluídos por de fato abordarem a temática em questão. Destes, 03 pesquisaram sobre grupos de sexualidade (LGBTQIA+), um sobre o grupo de mulheres, um sobre o grupo de indígenas e um sobre dificuldade de pessoas diversas em falar sobre si mesmas dentro de uma lógica heteronormativa. Foi possível concluir que a atuação da psicologia ainda é muito resistente e tradicionalista quando se trata de pessoas em situação de diversidade, muitas vezes se restringindo a apenas uma restrita parcela dos grupos minoritários. Como profissionais da saúde, tal fato precisa ser repensado com urgência, a fim de proporcionar um melhor acolhimento e espaço de escuta e voz para essa população, a fim de equalizar o psiquismo e promover saúde mental dos mesmos.

Palavras-chave: Grupos de Minoria; Saúde Psíquica; Políticas Públicas; Intervenções; Cuidado.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos voltados à população em situação de diversidade têm aumentado nos últimos anos, devido à presença deles em múltiplos espaços sociais, representando uma conquista de direitos. A compreensão de quem são estas pessoas em situação de diversidade parte da perspectiva social que transversaliza diversas formas de existir da condição humana, como: “[...] pessoas com deficiência, negros, indígenas, LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexos, assexuais e outros) , mulheres, idosos, dentre outros” (Martins, et al 2022, p. 7), em uma busca pelo distanciamento da lógica heteronormativa que perpetua a padronização dos corpos e os exclui, resultando em práticas de opressão social, econômica e cultural, etc. Por estarem em uma situação de marginalização social, tal população tem dificuldade em usufruir com qualidade questões que lhe cabem por direito como saúde, educação, assistência e segurança.

Para melhor compreensão dos efeitos da marginalização na saúde mental desta

população, neste estudo adotou-se os conceitos postulados na “Teoria do estresse de minoria” desenvolvida por Meyer (2003), que objetivou sistematizar as condições específicas vividas por pessoas LGBTQIA+, e explicar de que modo tais condições impactariam em desfechos positivos e negativos de saúde mental neste grupo. Contudo, é possível observar, que a teoria tem sido adaptada a fim de proporcionar um entendimento mais amplo de como outros grupos de minoria vivenciam situações de estresse. De acordo com Meyer (2003):

“Assim, pode-se esperar que tal estresse social tenha um forte impacto na vida das pessoas pertencentes às classes sociais estigmatizadas, incluindo categorias relacionadas ao status socioeconômico, raça, etnia, gênero, etc” (p. 3).

Souza et al. (2022, p. 72) apontaram que os altos índices de sofrimento psicológico das minorias de sexo e gênero são acompanhados por um índice alarmante de vitimização, visto que o Brasil é um país que tem alta prevalência mundial de crimes de ódio contra estas minorias. Neste sentido, não é incomum que as pessoas escondam ou reprimam sua orientação sexual por estarem diante de uma sociedade com uma cultura de atitudes discriminatórias estruturais, ou seja, enraizadas. É possível observar o mesmo movimento em outros grupos de pessoas em situação de diversidade, em uma tentativa de defesa e sobrevivência.

Somado a isso, é possível observar na prática que, não raro, os profissionais da saúde tendem a reproduzir tal lógica heteronormativa de padronização de corpos perfeitos, uma vez que está enraizado na cultura estrutural brasileira e, mesmo que não percebam ou intentem para os efeitos de tais condutas reforçam visões e intervenções equivocadas, estereotipadas e preconceituosas, o que acaba atingindo significativamente a saúde mental dos grupos minoritários, fenômeno este que justifica a importância desse estudo.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho será investigar como se dá a atuação da psicologia em relação à saúde mental das pessoas em situação de diversidade, ou seja, dos grupos em minoria enquanto uma questão de saúde pública, visto a necessidade de tensionar outras formas de produção de conhecimento, de práticas profissionais e de intervenções de pesquisa que pensem o acesso e a efetivação de direitos.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório e qualitativo estruturado a partir de uma revisão bibliográfica de literatura. A busca para compor este estudo foi realizada nas seguintes bases de dados nacionais: Bireme, SciELO e PePSIC, articulada pelo cruzamento das seguintes palavras: diversidade AND saúde mental AND psicologia.

Os critérios de inclusão dos estudos foram: publicados nos últimos cinco anos (entre 2019 a 2023), nos idiomas português, inglês e espanhol, abordar a temática envolvendo as diversas formas de existir da condição humana, como pontuado no estudo de Martins, et al. (2022, p. 7): “[...] pessoas com deficiência, negros, indígenas, LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexos, assexuais e outros), mulheres, idosos, dentre outros”. Critérios para exclusão: não abordar a temática e estudos que não fossem artigos em periódicos, como capítulos de livros, teses, dissertações ou monografias.

Em um primeiro momento os artigos foram selecionados por título e resumo que envolviam a temática. Em seguida, após leitura dos artigos na íntegra, foram incluídos para compor estudo apenas os artigos que de fato respondessem ao objetivo e fizessem a interlocução da prática da psicologia com a saúde mental das pessoas em situação de diversidade.

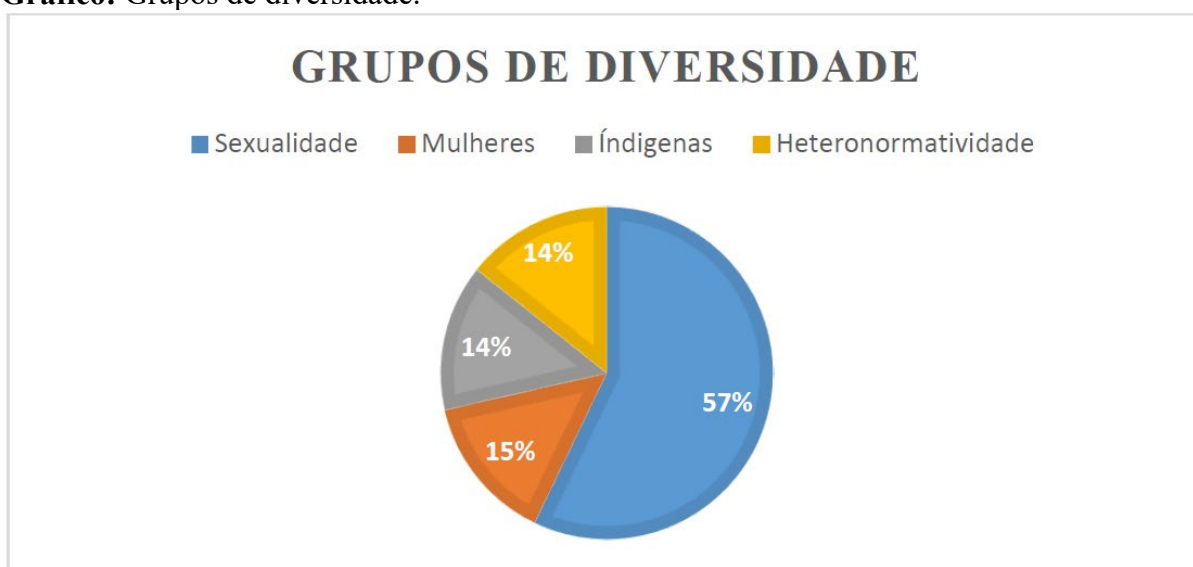
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No total foram encontrados 222 artigos primários que potencialmente pudessem abordar

em questão. Entretanto, após análise descrita na metodologia, concluiu-se que apenas 06 estudos poderiam ser de fato selecionados para leitura na íntegra e que representassem o *corpus* de interesse deste estudo.

Em relação as características dos 06 artigos incluídos para compor este estudo, 03 pesquisaram sobre grupos de sexualidade (LGBTQIA+), um sobre o grupo de mulheres, um sobre o grupo de indígenas e um sobre a dificuldade das pessoas diversas em falarem sobre si mesmas dentro de uma lógica heteronormativa, distribuídos nas porcentagens apresentadas no gráfico abaixo. Em relação á metodologia, um estudo era descritivo, dois eram exploratórios utilizando-se da revisão sistemática de literatura como método e outro da experiência cartográfica, outros analisou a literatura, já outro discutiu sobre a experiência no estágio obrigatório e outro sobre o fazer psicológico voltado à constituição de políticas públicas.

Gráfico: Grupos de diversidade.



O primeiro artigo, de Leite e Catelan (2020) teve como objetivo principal apresentar os elementos básicos da terapia familiar afirmativa para trabalhar com famílias com membros LGBTQIA+, de forma a desenvolver intervenções culturalmente sensíveis, empáticas e respeitadas em relação à diversidade sexual. Os autores demonstram a importância do apoio familiar para o bom funcionamento psicológico de pessoas LGBTQIA+ e denunciaram os efeitos de saúde mental que a ausência desse apoio provoca. Em relação às práticas terapêuticas, concluíram que é desejável que a/o terapeuta tenha conhecimento e desenvolva competências sobre os desafios enfrentados por esta população, recursos da comunidade disponíveis, legislação e seus possíveis vieses pessoais.

O estudo de Gaspodini e Falcke (2019) investigou como pesquisadores/as brasileiros/as em Psicologia abordaram o preconceito contra diversidade sexual e de gênero no período de janeiro de 2006 a junho de 2016. Por fim, ressaltaram sobre a necessidade de visibilizar os preconceitos sofridos por pessoas em situação de diversidade sexual e, destacaram o quanto é preocupante que a própria produção científica em Psicologia repete formas sutis de discriminação contra a diversidade sexual e de gênero.

Favero e Marini (2022) buscaram descrever alguns postulados, a fim de mobilizar o antagonismo que a psicologia dá indícios de estabelecer com produções transfeministas. Ressaltaram que a necessidade de entendermos a patologização contemporânea da transexualidade, que se dá inclusive pela defesa à despatologização, é fundamental para mobilização de nossos olhares a uma constituição cisgênera dos processos de trabalho clínico. Concluíram que o desafio está em conjugar novos saberes à difusão de uma saúde mental

interessada em paradigmas éticos e políticos menos hierárquicos.

Adrião (2021) propõe a reflexão e discussão sobre algumas das posições e epistemes que circunscrevem o encontro entre três campos do saber: a Psicologia (a partir de seu encontro entre as áreas clínica e social), a Arteterapia e os feminismos pós-estruturais e decoloniais, a partir da experiência de um grupo de mulheres. Conclui apontando a necessidade de se repensar os saberes-poderes disciplinares e de distanciamento de um modelo individualizante e que não reflete sobre as posições de sujeito em um mundo marcado por desigualdades.

Já o estudo de Lopes e Sathler (2022) teve como objetivo apresentar contribuições ao papel dos profissionais em Psicologia na Atenção Diferenciada à Saúde Indígena. Os autores consideram estar a Psicologia a serviço da sociedade para promover saúde, potencializar qualidade de vida e minimizar sofrimento de pessoas e grupo. Para isso, invariavelmente, deve articular outros saberes na reverberação da interdisciplinaridade e da interculturalidade imprescindíveis à atuação da Psicologia em busca de enlaces afetivo-intelectuais no cuidado em saúde dessa população.

Por fim, o estudo de Pessoa (2022) busca problematizar as ideias de outro e de diferença a partir da exploração do uso do termo diversidade e do questionamento sobre qual funcionamento psíquico subjaz à exaltação das pessoas, assim chamadas, diversas, pautado no conceito heteronormativo. O autor traz a importante reflexão sobre a dificuldade da psicologia sair da zona de conforto ou seja, precisamos examinar nossas normas e nosso conforto com elas para compreender o sofrimento psíquico das pessoas diversas, uma vez que, segundo o autor, As pessoas que ficam à margem do heteropatriarcado, apresentam também angústias profundas e, no limite, taxas de suicídio superiores à norma.

Chinazzo et al. (2021, p. 2) observaram em seu estudo que a prevalência de desfechos negativos na saúde mental como ansiedade, depressão, abuso de substâncias, ideação e tentativas de suicídio tem sido maior entre os grupos de marginalizados, como a população negra, refugiados, imigrantes, povos indígenas e a população LGBTQIA+.

Meyer (2003, p. 2) conclui e reforça que é importante entender os riscos de sofrimento mental excessivo devido ao estresse social no qual os grupos minoritários estão submetidos e, compreender os fatores que melhoram tal estresse e contribuem à saúde mental. De acordo com o autor, somente com tal entendimento os psicólogos, profissionais da saúde pública e formuladores de políticas públicas poderão elaborar programas e projetos de prevenção e intervenção eficazes.

4 CONCLUSÃO

Durante o desenvolvimento deste estudo foi possível perceber certa confusão para definir o conceito de diversidade dentro da Psicologia, podendo englobar desde a diversidade entre as abordagens teóricas, quanto em relação à atuação da psicologia com grupos de pessoas marginalizados, público-alvo deste estudo. Em se tratando deste último fenômeno, poucos foram os estudos encontrados que abordam a temática, o que caracteriza uma limitação do estudo e denuncia a importância de novas pesquisas na área, uma vez que existe uma resistência da própria Psicologia em reconhecer as pessoas diversas, o que torna a prática enraizada e tradicionalista, contribuindo para condutas inadequadas e que pouco aliviam o sofrimento psíquico. Tal questão se torna uma problemática de saúde pública, uma vez que o Brasil é o país com maior índice de sofrimento psíquico e violência de grupos minoritários. Sendo assim, conclui-se a importância de, como profissionais da saúde, que a Psicologia reconheça as múltiplas formas de existência, faça um acolhimento mais justo que proporcione a estabilidade psíquica deste público e promovam a saúde mental dos mesmos.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, K. G. Marcas na/da pele “Entre Mulheres”: a experiência de um processo arteterapêutico no diálogo com feminismos e Psicologias. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 16, n. 3, p. 1-14, 2021. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082021000300015

CHINAZZO, I. R.; LOBATO, M. I. R.; NARDI, H. C.; KOLLER, S. H.; SAADEH, A.; BRANDELLI, A. Impact of minority stress in depressive symptoms, suicide ideation and suicide attempt in trans persons. **Ciê. saúde coletiva**, v. 26, p. 5045-5056, 2021. Supl. 3. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.28532019>

FAVERO, S.; MARINI, M. Psicologia cisgênera: notas sobre uma patologização cordial. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo v. 22, n. 55, p. 719-734, 2022. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-549X2022000300014&script=sci_arttext

GASPODINI, I. B.; FALCKE, D. Estudos psicológicos brasileiros sobre preconceito contra diversidade sexual e de gênero. **Est. Inter. Psicol.**, v. 10, n. 2, p. 59-79, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2236-64072019000200005

LEITE, M.; CATELAN, R. F. Terapia Familiar Afirmativa com Lésbicas, Gays e Bissexuais. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, 2020, Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100017

LOPES, D. C.; SATHLER, C. N. O Papel da(o) Psicóloga(o) na Saúde Indígena. **Psicol. cienc. prof.**, v. 42, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003e240841>

MARTINS, S. E. S. O., CIANTELLI, A. P. C., NUNES, L. C. A. Políticas censitárias em universidades públicas da América Latina: a não palavra como lugar de escuta e compreensão de estudantes na situação da deficiência. **Revista Cocar**, n.13, p. 1-28, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4780>

MEYER, I. H. Prejudice, Social Stress, and Mental Health in Lesbian, Gay, and Bisexual Populations: Conceptual Issues and Research Evidence. **Psychol Bull**, v. 129, n. 5, p. 674-697, 2003. Disponível em:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2072932/pdf/nihms32623.pdf>

PESSOA, G. A psicologia do outro: o truque da diversidade e a dificuldade em falar de si mesmo. **Junguiana**, v. 40, n. 3, p. 11-24, 2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-08252022000300002&script=sci_abstract

SOUZA, J. S.; MARQUES, J. M.; SCANAVINO, M. T.; ZAMIGNANI, D. R.; COSTA, A. B. Desfechos negativos em saúde mental de minorias de sexo e gênero: uma análise comportamental a partir da teoria do estresse de minorias. **Perspectivas Em Análise do Comportamento**, v. 13, n. 1, p. 069-085, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18761/DH027.mart22>